

ALGUMAS TESES SOBRE O PRESENTE (E O FUTURO) DO TRABALHO: PERENIDADE E SUPERFLUIDADE DO TRABALHO

ANTUNES; RICARDO¹

1. Como conseqüência das significativas mutações que ocorreram no mundo da produção e do trabalho, nas últimas décadas do século XX, tornou—se freqüente falar em “desaparição do trabalho” (Dominique Méda, 1997), em substituição da esfera do trabalho pela “esfera comunicacional” (Habermas, 1991 e 1992), em “perda de centralidade da categoria trabalho” (Off, 1989), em “fim do trabalho” (como Jeremy Rifkin, 1995), ou ainda na versão mais qualificada e crítica à ordem do capital (como em Kurz, 1992), para citar as formulações mais expressivas.
2. Neste texto, de forma sintética, vamos procurar apresentar algumas teses que se contrapõem às idéias defendidas pelos autores acima mencionados. O faremos através da apresentação de *algumas* teses centrais que, em nosso entendimento, fazem parte do *presente* (e do *futuro*) do trabalho.
3. Contra a equívoca desconstrução teórica realizada nas últimas décadas, pelos chamados críticos da sociedade do trabalho, nosso grande desafio é compreender a *nova morfologia do trabalho, seu caráter multifacetado, polissêmico e polimorfo*. Isso nos obriga a desenvolver uma noção ampliada e moderna de classe trabalhadora (que venho chamando, de modo sinônimo, como *classe—que—vive—do—trabalho*) e que inclui a totalidade daqueles homens e mulheres que vendem sua força de trabalho em troca de salário. (Antunes, 2002 e 2002^a)
4. Essa nova morfologia do mundo do trabalho tem como núcleo *central* os trabalhadores *produtivos* (no sentido dado por Marx, especialmente no Capítulo VI, Inédito) e não se restringe ao trabalho manual direto, mas incorpora a totalidade do trabalho social, a totalidade do trabalho coletivo assalariado. Como o trabalhador produtivo é aquele que produz diretamente mais—valia e que participa diretamente do processo de valorização do capital, ele detém, por isso, um papel de centralidade no interior da classe trabalhadora. Mas, é preciso acrescentar que a moderna classe trabalhadora também inclui os trabalhadores *improdutivos*, aqueles cujas formas de trabalho são utilizadas como serviço, seja para uso público ou para o capitalista, e que não se constituem como elemento diretamente produtivo no processo de valorização do capital Mas, como há uma crescente *imbricação* entre trabalho *produtivo* e *improdutivo* no capitalismo contemporâneo, e como a classe trabalhadora incorpora estas duas dimensões básicas do trabalho sob o capitalismo, esta *noção ampliada* nos parece fundamental para a compreensão do que é a classe trabalhadora hoje.
5. Uma noção ampliada de classe trabalhadora deve incluir também todos aqueles e aquelas que vendem sua força de trabalho em troca de salário, incorporando, além do

1 Professor Titular de Sociologia no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Campinas (UNICAMP) e Visiting Research Fellow na Universidade de Sussex (Inglaterra). É autor, dentre outros, de *Os Sentidos do Trabalho* (Boitempo, 6ª edição) e *Adios al Trabajo?* (Cotex/Unicamp, 8ª edição, também publicado na Itália, Espanha, Argentina, Venezuela e Colômbia). É Coordenador da Coleção Mundo do Trabalho (Boitempo) e membro do Comitê Editorial das revistas *Margem Esquerda* (Brasil), *Latin American Perspectives* (EUA), *Herramienta* (Argentina), dentre outras publicações .

ANTUNES; RICARDO. ALGUMAS TESES SOBRE O PRESENTE (E O FUTURO) DO TRABALHO: PERENIDADE E SUPERFLUIDADE DO TRABALHO

proletariado industrial, dos assalariados do setor de serviços, também o proletariado rural, que vende sua força de trabalho para o capital. Incorpora o proletariado precarizado, o subproletariado moderno, *part time*, o novo proletariado dos *McDonalds*, os trabalhadores terceirizados e precarizados, os trabalhadores *assalariados* da chamada "economia informal", que muitas vezes são indiretamente subordinados ao capital, além dos trabalhadores desempregados, expulsos do processo produtivo e do mercado de trabalho pela reestruturação do capital e que hipertrofiaram o exército industrial de reserva na fase de expansão do *desemprego estrutural*.

6. A classe trabalhadora hoje *exclui*, naturalmente, *os gestores do capital, seus altos funcionários*, que detêm papel de controle no processo de trabalho, de valorização e reprodução do capital no interior das empresas e que recebem rendimentos elevados ou ainda aqueles que, de posse de um capital acumulado, vivem da especulação e dos juros. *Exclui* também, em nosso entendimento, os pequenos empresários, a pequena burguesia urbana e rural *proprietária*.

7. Compreender a classe trabalhadora hoje significa perceber também o significativo processo de *feminização do trabalho*, que atinge mais de 40% ou 50% da força de trabalho em diversos países, e que tem sido absorvido pelo capital, preferencialmente no universo do trabalho *part time*, precarizado e desregulamentado. No Reino Unido, por exemplo, o contingente feminino superou, desde 1998, o contingente masculino na composição da força de trabalho. Sabe—se que esta *nova divisão sexual do trabalho* tem, entretanto, significado fortemente desigual, quando se comparam os salários e os direitos e condições de trabalho em geral. Nessa *divisão sexual do trabalho*, operada pelo capital dentro do *espaço fabril*, geralmente as atividades de concepção ou aquelas baseadas em *capital intensivo* são predominantemente realizadas pelo trabalho masculino, enquanto aquelas dotadas de menor qualificação e freqüentemente fundadas em *trabalho intensivo*, são prevalentemente destinadas às mulheres trabalhadoras e, muito freqüentemente também, aos trabalhadores/as imigrantes e negros/as.

8. E, ainda mais, através da duplicidade do ato laborativo, a mulher trabalhadora é duplamente explorada pelo capital, tanto no espaço *produtivo*, quanto no *reprodutivo*. Além de atuar crescentemente no *espaço público*, fabril e de serviços, ela realiza centralmente as tarefas próprias do *trabalho doméstico*, garantindo a esfera da *reprodução societal*, esfera do *trabalho não—diretamente mercantil*, mas indispensável para a reprodução do sistema de metabolismo social do capital.

9. Como o capital é um sistema global, o mundo do trabalho e seus desafios são também cada vez mais mundializados, transnacionalizados e internacionalizados. Se a mundialização do capital e de sua cadeia produtiva é fato evidente, o mesmo não ocorre no mundo do trabalho, que ainda se mantém predominantemente *nacional*, o que é um *limite enorme* para a ação dos trabalhadores. Com a reconfiguração do *espaço* e do *tempo* de produção, há um processo de *re—territorialização* e também de *des—territorialização*, onde novas regiões industriais nascem e outras são eliminadas. Isso recoloca confrontação social num patamar mais complexificado, dado pelo embate entre o *capital social total* e a *totalidade do trabalho social*. Pode—se exemplificar com a greve dos trabalhadores metalúrgicos da *General Motors*, nos EUA, de junho de 1998, iniciada em Michigan, em uma pequena unidade estratégica da empresa, mas que afetou

diversos países onde a GM mantém unidades produtivas.

10. Aqui vale uma similitude entre o descarte e superfluidade do trabalho e o descarte e superfluidade da produção em geral. Como pude desenvolver mais longamente em *Os Sentidos do Trabalho* (2002), na fase de intensificação da *taxa de utilização decrescente do valor de uso das mercadorias* (Mészáros, 2002), a falácia da qualidade torna—se evidente: quanto mais “qualidade total” os produtos alegam ter, menor é o seu tempo de duração. A necessidade imperiosa de reduzir o tempo de vida útil dos produtos, objetivando aumentar a velocidade do ciclo reprodutivo do capital, faz com a “qualidade total” seja, na maior parte das vezes, o invólucro, a aparência ou o aprimoramento do supérfluo, uma vez que os produtos devem durar cada vez menos para que tenham uma reposição ágil no mercado. Desse modo, o apregoado desenvolvimento dos processos de “qualidade total” converte—se na expressão fenomênica, involucral, aparente e supérflua de um mecanismo produtivo gerador do descartável e do supérfluo, condição para a reprodução ampliada do capital e seus imperativos expansionistas e destrutivos.

11. Da indústria de *fast foods* (do qual o McDonalds é exemplar), à sociedade do *entertainment* e do *shopping center*, passando ela indústria de computadores, a tendência depreciativa e decrescente do valor de uso das mercadorias é evidente. Com a redução dos ciclos de vida útil dos produtos, os capitais não têm outra opção, para sua sobrevivência, senão “inovar” ou correr o risco de serem ultrapassados pelas empresas concorrentes.

12. Quando concebermos a forma contemporânea do trabalho, não podemos concordar com as teses que desconsideram o novo processo de interação entre *trabalho vivo* e *trabalho morto*. O capital necessita, hoje, cada vez *menos* do trabalho *estável* e cada vez *mais* das diversificadas formas de trabalho parcial ou *part—time*, terceirizado, os “*trabalhadores hifenizados*”, que se encontram em explosiva expansão em todo o mundo. Como o capital não pode eliminar o *trabalho vivo* do processo de mercadorias, *sejam elas materiais ou imateriais*, ele deve, além da incrementar *sem limites* o trabalho morto corporificado no maquinário tecno—científico, aumentar a produtividade do trabalho de modo a intensificar as formas de extração do sobre—trabalho em tempo cada vez mais reduzido. A redução do proletariado taylorizado, a ampliação do *trabalho intelectual abstrato* nas plantas produtivas de ponta e a ampliação generalizada dos novos proletários precarizados e terceirizados da “era da empresa enxuta”, são fortes exemplos do que acima aludimos.

13. No mundo do trabalho contemporâneo, o saber científico e o saber laborativo mesclam—se ainda mais diretamente. As máquinas inteligentes podem substituir em grande quantidade, mas não podem *extinguir* e *eliminar definitivamente* o trabalho vivo. Ao contrário, a sua introdução utiliza—se do trabalho intelectual dos trabalhadores/as que, ao atuarem junto à máquina informatizada, transferem parte dos seus novos atributos intelectuais à nova máquina que resulta deste processo, *dando novas conformações à teoria do valor*. Estabelece—se um complexo processo interativo entre trabalho e ciência produtiva, que não leva à extinção do trabalho, como imaginou Habermas, mas a um processo de retro—alimentação que necessita cada vez mais *uma força de trabalho ainda mais complexa, multifuncional, que deve ser explorada de maneira mais intensa e sofisticada, ao menos nos ramos produtivos dotados de maior incremento tecnológico*.

14. Com a conversão do *trabalho vivo* em *trabalho morto*, a partir do momento em que, pelo desenvolvimento dos *softwares*, a máquina informacional passa a desempenhar atividades próprias da inteligência humana, o que se pode presenciar é um processo que Lojkine (1995) denominou como *objetivação das atividades cerebrais junto à maquinaria*, de transferência do saber intelectual e cognitivo da classe trabalhadora para a maquinaria informatizada. A transferência de capacidades intelectuais para a maquinaria informatizada, que se converte em linguagem da máquina própria da fase informacional, através dos computadores, acentua a transformação de *trabalho vivo* em *trabalho morto* e recria novas formas e modalidades de trabalho.

15. Desenvolve—se na sociedade contemporânea outra tendência dada pela crescente imbricação entre trabalho *material* e *imaterial*, uma vez que se presencia, *além da monumental precarização do trabalho* (traço este central quando se analisa o mundo do trabalho hoje), um aumento das atividades dotadas de maior dimensão intelectual, quer nas atividades industriais mais informatizadas, quer nas esferas compreendidas pelo setor de serviços ou nas comunicações, entre tantas outras. O trabalho imaterial (ou não—material, como disse Marx no *Capítulo VI, inédito*) expressa contemporaneamente a vigência da esfera informacional da forma—mercadoria: ele é expressão do conteúdo *informacional* da mercadoria, exprimindo as mutações do trabalho operário no interior das grandes empresas e do setor de serviços que são dotados de *tecnologia de ponta*. Trabalho *material* e *imaterial*, na imbricação crescente que existe entre ambos, encontram—se, entretanto, centralmente subordinados à lógica da produção de mercadorias e de capital, como sugerem Vincent (1993) e Tosel (1995).

16. Desse modo, ao invés de *desconsiderar o trabalho e substituir a lei de valor como medida societal prevalente*, a nova fase dos capitais globais re—transfere, em alguma medida, o *savoir faire* para o trabalho, mas o faz apropriando—se crescentemente da sua dimensão *intelectual*, das suas capacidades cognitivas, *procurando* envolver mais forte e intensamente a subjetividade operária. Como a máquina não pode suprimir completamente o trabalho humano, ela necessita de uma maior *interação* entre a subjetividade que trabalha e a nova máquina inteligente. Neste processo, o *envolvimento interativo* aumenta ainda mais o *estranhamento e a alienação do trabalho*, ampliando as formas modernas da *reificação*, através das subjetividades inautênticas e heterodeterminadas. (Ver Tertulian, 1993)

17. No contexto do capitalismo tardio, a tese habermasiana, presente em sua *Teoria da Ação Comunicativa* (1992), acerca da *pacificação dos conflitos de classes* encontra—se sob forte erosão e questionamento. Não só o *welfare state* vem desmoronando no relativamente escasso conjunto de países onde ele teve efetiva vigência, como também as desmontagens presenciadas no *Estado Keynesiano* colocaram—no sob uma forte dimensão privatizante, desintegrando ainda mais a restrita base empírica de sustentação da tese habermasiana que propugnava a *pacificação das lutas sociais*. Com a erosão crescente do *welfare state*, a expressão *fenomênica e contingente* da *pacificação dos conflitos de classes* — que Habermas queria conferir estatuto de determinação — vem dando mostras crescentes de envelhecimento precoce. E, o que pretendia ser, para habermas, uma suposta crítica exemplificadora da *incapacidade marxiana de compreender o capitalismo tardio* é, de fato, uma enorme lacuna do *constructo*

habermasiano. As recentes ações de resistência dos trabalhadores, especialmente desde Seattle, Nice, Praga, Gênova, contra a *mercadorização do mundo*, são exemplos das novas formas de confrontação assumidas na era da mundialização do capital.

18. Ao efetivar a disjunção analítica entre *trabalho* e *interação*, *práxis laborativa* e *ação intersubjetiva*, *atividade vital* e *ação comunicativa*, *sistema* e *mundo da vida*, Habermas distanciou—se do momento em que se realiza a articulação inter—relacional entre mundo da objetividade e da subjetividade, questão nodal para a compreensão do ser social. Habermas realiza uma *sobrevalorização* e *disjunção* entre estas dimensões decisivas da vida social, e a perda deste liame indissolúvel o levou a autonomizar equivocadamente a chamada *esfera comunicacional*. Nesse sentido, quando Habermas fala em *colonização do mundo da vida* pelo *sistema*, ele oferece uma versão muito tênue frente ao que vem ocorrendo no mundo contemporâneo, marcado pela vigência do *trabalho abstrato*, pela fetichização do mundo das mercadorias e pela crescente reificação da esfera comunicacional.

19. Se esses pontos condensam alguns traço característicos da chamada “sociedade do trabalho”, no final do século XX, o século que agora se inicia exige que reflitamos também acerca do *futuro do trabalho* ou do *trabalho do futuro*. E aqui aflora uma questão que, em nosso entendimento, é essencial e que aqui somente vamos sintetizar: uma vida cheia de sentido *fora* do trabalho supõe uma vida dotada de sentido *dentro* do trabalho. Não é possível compatibilizar trabalho *desprovido de sentido* com *tempo verdadeiramente livre*. Uma vida desprovida de sentido no trabalho é *incompatível* com uma vida cheia de sentido fora do trabalho. Em alguma medida, a esfera fora do trabalho estará *maculada* pela *desejetivação* que se dá no interior da vida laborativa.

20. Uma vida cheia de sentido em todas as esferas do ser social, somente poderá efetivar—se através da demolição das barreiras existentes entre *tempo de trabalho* e *tempo de não—trabalho*, de modo que, a partir de uma *atividade vital* cheia de sentido, autodeterminada, *para além da divisão hierárquica que subordina o trabalho ao capital hoje vigente* e, portanto, sob bases inteiramente novas, possa se desenvolver uma nova sociabilidade, onde ética, arte, filosofia, tempo verdadeiramente livre e ócio, em conformidade com as aspirações mais autênticas, suscitadas no interior da vida cotidiana, possibilitem a gestação de formas inteiramente novas de sociabilidade, onde liberdade e necessidade se realizem mutuamente. Se o trabalho torna—se dotado de sentido, será também (e decisivamente) através da arte, da poesia, da pintura, da literatura, da música, do tempo livre, do ócio, que o ser social poderá humanizar—se e emancipar—se em seu sentido mais profundo.

21. Se o fundamento da ação sociais forem voltadas radicalmente contra as formas de (des)sociabilização e *mercadorização* do mundo, a batalha imediata pela redução da *jornada ou do tempo de trabalho* torna—se inteiramente compatível com o *direito ao trabalho* (em jornada reduzida e sem redução de salário). Desse modo, a reivindicação central, para o mundo do trabalho, pela imediata *redução da jornada (ou do tempo) de trabalho* e a *luta pelo emprego*, são profundamente articuladas e complementares, e não excludentes. E o empreendimento societal por um *trabalho cheio de sentido* e pela *vida autêntica fora do trabalho*, por um *tempo disponível* para o trabalho e por um *tempo verdadeiramente livre e autônomo* fora do trabalho – ambos, portanto, fora do *controle* e

comando opressivo do capital — convertem—se em elementos essenciais na construção de uma sociedade não mais regulada pelo sistema de metabolismo social do capital e seus mecanismos de subordinação. O que nos leva a indicar, na última tese, alguns fundamentos sociais elementares para uma nova forma de organização societal.

22. O exercício do trabalho autônomo, eliminado o dispêndio de tempo excedente para a produção de mercadorias, eliminado também o tempo de produção destrutivo e supérfluo (esferas estas hoje controladas pelo capital), possibilitará o resgate verdadeiro do *sentido estruturante do trabalho vivo*, contra o *sentido (des)estruturante do trabalho abstrato*. Isto porque, sob o sistema de metabolismo social do capital, o trabalho que *estrutura* o capital, *desestrutura* o ser social. O *trabalho assalariado* que dá sentido ao capital, gera uma *subjetividade inautêntica* no próprio ato de trabalho.

23. Numa forma de sociabilidade superior, o trabalho, ao *reestruturar* o ser social, terá como corolário a *desestruturação* do próprio capital. E, avançando na *abstração*, esse mesmo *trabalho autônomo, autodeterminado e produtor de coisas úteis*, tornará *sem sentido e supérfluo* o capital, gerando as condições sociais para o florescimento de uma subjetividade autêntica e emancipada. Dando, desse modo, um novo *sentido ao trabalho* e dando à vida *um novo sentido*. Resgatando a *dignidade* e o sentido de *humanidade social* que o mundo atual vem fazendo desmoronar. E que o Século XXI poderá conquistar.

BIBLIOGRAFIA

- ANTUNES, Ricardo. (2002) Os Sentidos do Trabalho (Ensaio sobre a Afirmação e a Negação do Trabalho), Ed. Boitempo, São Paulo, 6ª edição.
- _____. (2002^a) Adeus ao Trabalho? Ensaio sobre as Metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho, Ed. Cortez/Ed. Unicamp, São Paulo, 8ª edição.
- BIDET, Jacques e TEXIER, Jacques (1995) La Crise du Travail, Actuel Marx Confrontation, Press Universitaires de France, Paris.
- HABERMAS, Jürgen. (1991) The Theory of Communicative Action (Reason and the Rationalization of Society), Vol. I, Polity Press, Londres.
- _____. (1992) The Theory of Communicative Action (The Critique of Functionalist Reason), Vol. II, Polity Press, Londres.
- KURZ, Robert. (1992) O Colapso da Modernização, Ed. Paz e Terra, São Paulo.
- LOJKINE, Jean. (1995) A Revolução Informacional, Ed. Cortez, São Paulo.
- MARX, Karl. (1978) Capítulo VI, inédito, Ed. Ciências Humans, São Paulo.
- MÉDA, Dominique. (1997) Società Senza Lavoro (Per Una Nuova Filosofia Dell'Occupazione, Feltrinelli, Milão.
- MÉSZÁROS, István. (2002) Para Além do Capital, Boitempo Editorial, São Paulo.
- OFFE, Claus. (1989) "Trabalho como Categoria Sociológica Fundamental?", Trabalho & Sociedade, Vol. I, Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro.
- RIFKIN, Jeremy. (1995) O Fim dos Empregos, Makron Books, São Paulo.
- TERTULIAN, Nicolas. (1993) "Le Concept D'Aliénation chez Heidegger et Lukács", Archives de Philosophie— Reserches et Documentation 56, julho/setembro, Paris.
- TOSEL, André. (1995) "Centralité et Non—Centralité du Travail ou La Passion des Hommes Superflus", in BIDET, Jacques e TEXIER, Jacques, op. cit.
- VINCENT, J. Marie. (1993[2]) "Les Automatismes Sociaux et le 'General Intellect' ", in Paradigmes du Travail, Futur Antérieur, n. 16, L'Harmattan, Paris.